

Vieses Algorítmicos e Capacitismo: A Invisibilização da Deficiência nas Imagens Geradas por Inteligência Artificial¹

Daniele da Silva Garcez Novaes²
Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz

RESUMO

Em 2023, o influenciador Ivan Baron questionou, a ausência da deficiência nas imagens geradas por um aplicativo que utilizava Inteligência Artificial (IA) para criar versões "melhoradas das pessoas". Este trabalho reflete sobre os vieses capacitistas nos algoritmos e suas implicações na invisibilização da deficiência e corpos não-normativos, com base no conceito de "colonialidade da capacidade". A discussão ganha urgência diante do desmonte de iniciativas de diversidade em empresas de tecnologia. O objetivo é problematizar como a inteligência artificial pode reforçar desigualdades estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: capacitismo; inteligência artificial; vieses algorítmicos; interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que utilizam Inteligência Artificial (IA) podem atuar como aliadas ao ampliar a autonomia e oferecer recursos de acessibilidade para contextos antes inacessíveis. Estudos relatam o potencial, por exemplo, das assistentes virtuais para auxiliar pessoas com deficiências em tarefas do cotidiano (BEATRIS MARQUES; LUCCA FILHO, 2023). No entanto, a crescente influência das IAs e dos sistemas algorítmicos nas redes sociais online impõe outros desafios e podem contribuir para a construção de outras formas de perpetuar barreiras que excluem e invisibilizam corpos não-normativos em espaços que se apresentam como democráticos.

Atualmente, as redes sociais digitais são espaços fundamentais para a construção de narrativas contra-hegemônicas, permitindo que grupos historicamente marginalizados pautem suas reivindicações e afirmem suas existências. No caso das pessoas com deficiência, influenciadores digitais desempenham um papel central na disseminação de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Inteligência Artificial: usos e perspectivas críticas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda em Informação e Comunicação em Saúde pelo PPGICS/Fiocruz, email: danielenovaes@gmail.com.

informações, no combate ao capacitismo e na construção de narrativas próprias sobre a vivência com deficiência. Entre eles, destaca-se o potiguar Ivan Baron, que, em 1º de janeiro de 2023, foi um dos cidadãos escolhidos para representar a diversidade do povo brasileiro na posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Autodenominado “influenciador da inclusão” em seu perfil no Instagram (@ivanbaron), onde acumula mais de 526 mil seguidores até 25 de fevereiro de 2025.

Os avanços da Inteligência Artificial (IA) têm sido acompanhados por desafios que reforçam desigualdades estruturais, especialmente no que diz respeito à representação da deficiência. A invisibilização de corpos não-normativos em sistemas que fazem uso de algoritmos reflete vieses capacitistas presentes no desenvolvimento dessas tecnologias, tornando essencial uma abordagem crítica fundamentada na interseccionalidade e na decolonialidade. Esse debate se torna ainda mais urgente diante do desmonte de iniciativas de diversidade em grandes empresas de tecnologia. Nesse contexto, a provocação do influenciador Ivan Baron, que, em julho de 2023, questionou no Instagram a ausência da deficiência nas imagens geradas por um aplicativo de IA, evidencia a necessidade de problematizar essas questões.

“POR QUE APLICATIVOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL INVISIBILIZAM A DEFICIÊNCIA?”

No dia 5 de julho de 2023, o influenciador digital Ivan Baron publicou em seu perfil no Instagram um carrossel de imagens questionando a maneira como aplicativos de Inteligência Artificial (IA) representavam seu corpo. A postagem iniciou com um card de fundo preto e letras brancas contendo a pergunta: "Por que aplicativos de inteligência artificial invisibilizam a deficiência?" (BARON, 2023).

Na legenda da postagem, Baron expressou sua surpresa e insatisfação ao testar um aplicativo que prometia criar versões "melhoradas" de si mesmo por meio de IA. No entanto, o resultado gerado pela tecnologia apresentava uma versão de seu corpo sem deficiência e com traços considerados socialmente padronizados, como uma musculatura definida. "Eu fui testar o aplicativo do momento para criar minha própria versão na inteligência artificial e, pasmem, encontrei um Ivan nada a ver com o da realidade. É esse o avanço que teremos no futuro?", escreveu o influenciador.

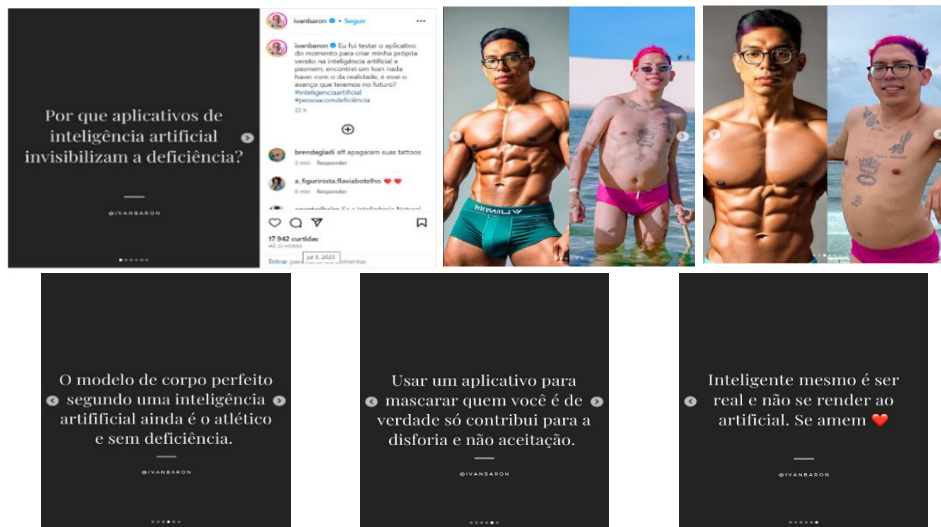


Figura 1. Print da postagem do Ivan Baron sobre a invisibilização da deficiência de corpos com deficiência

As imagens compartilhadas por Baron explicitam o problema: em uma montagem, de um lado está sua foto real, tirada nos Lençóis Maranhenses, onde aparece com seus cabelos tingidos de rosa, tatuagens visíveis, vestindo apenas uma sunga e óculos escuros, apoiado em sua bengala. Ao lado, o desenho gerado pela IA o retrata sem deficiência, com um corpo atlético e traços completamente diferentes da sua aparência real. Outra imagem segue o mesmo padrão, comparando as fotos de Baron com as versões manipuladas pela IA, que sistematicamente apagam sua deficiência.

A postagem também continha frases distribuídas ao longo dos cards, reforçando a crítica à padronização promovida por esses algoritmos: "O modelo de corpo perfeito segundo uma inteligência artificial ainda é o atlético e sem deficiência", "Usar um aplicativo para mascarar quem você é de verdade só contribui para disforia e não aceitação", e "Inteligente mesmo é ser real e não se render ao artificial. Se amem ❤️".

Em sua postagem, Baron questiona como esses sistemas, ao reproduzirem padrões hegemônicos de beleza e corporeidade, contribuem para a invisibilização de corpos não-normativos e reforçam uma visão excludente sobre a deficiência. Esse episódio se insere em uma discussão mais ampla sobre como as tecnologias digitais perpetuam desigualdades estruturais.

COLONIALIDADE DA CAPACIDADE E VIESES ALGORÍTMICOS

As redes sociais online, como o Instagram, tornaram-se um dos principais meios de comunicação do mundo globalizado, ocupando diversas esferas da vida cotidiana. A

promessa de um espaço democrático, onde qualquer pessoa com acesso a um *smartphone* e à internet pode ter sua voz ouvida, levanta questionamentos fundamentais: até que ponto essa inclusão é real? Seria possível um algoritmo não reproduzir capacitismo em um contexto social que o estrutura? Partindo da perspectiva de que os algoritmos não são neutros (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023; SILVA, 2022), é essencial analisar esse fenômeno sob as lentes da interseccionalidade e da decolonialidade.

O conceito de "colonialidade da capacidade", proposto por Marcela Beatriz Ferrari (2020), insere a deficiência na estrutura de opressão mantida pela colonialidade do poder, do gênero e da raça. A partir de uma abordagem decolonial, a autora critica a forma como as definições de deficiência são construídas com base em modelos predominantemente europeus e norte-americanos, que perpetuam hierarquias coloniais e reforçam a ideia de um corpo normativo. Ferrari argumenta que a modernidade impôs um sistema de classificação que não apenas hierarquizou populações pela raça e pelo gênero, mas também pelo que é considerado "capaz" ou "incapaz". Assim, a deficiência não deve ser compreendida como uma condição biológica fixa, mas como uma construção social atravessada por relações de poder e pela imposição de um ideal normativo de corpo e mente, que exclui e marginaliza aqueles que não se encaixam nesse padrão.

A falsa impressão de equidade é especialmente evidente nas redes sociais, onde a possibilidade de ascensão financeira e visibilidade para grupos minorizados é frequentemente apresentada como acessível a todos. No entanto, essa narrativa mascara desigualdades profundas que restringem tais oportunidades para a maioria. Ferrari (2020) destaca que, quando a deficiência se intersecciona com gênero e raça, as desigualdades se aprofundam, dificultando o acesso a direitos fundamentais como maternidade, educação e emprego. A pesquisadora também evidencia como o Estado latino-americano, influenciado pelo modelo médico de reabilitação, perpetua práticas capacitistas que restringem a autonomia das pessoas com deficiência. Assim, a colonialidade da capacidade se manifesta na imposição de um corpo idealizado e produtivo, que exclui formas de existência divergentes e reproduz a lógica colonial da dominação, naturalizando desigualdades estruturais.

BIG TECHS E O RETROCESSO NAS POLÍTICAS DE DIVERSIDADE, EQUIDADE E INCLUSÃO

Com a aproximação das Big Techs da nova administração norte-americana e diante da hostilidade do governo Trump a iniciativas progressistas, diversas corporações abandonaram ou reduziram seus programas voltados à diversidade. Empresas como Meta, Google, Amazon, Walmart, McDonald's e Target estão entre as que reverteram medidas de DEI (Diversidade, Equidade e Inclusão), refletindo um movimento conservador fortalecido que pressiona por um modelo corporativo menos engajado com a inclusão (CNBC, 25/02/2025). retrocesso significativo nas políticas de DEI dentro das grandes empresas de tecnologia, especialmente nos Estados Unidos.

Segundo reportagem da Folha de S. Paulo (10/01/2025), Meta e Amazon anunciaram recuos significativos em seus programas de diversidade. Além disso, mudanças recentes na política de moderação da Meta incluem o fim do programa de checagem de postagens nos EUA, substituindo-o por um sistema de "notas da comunidade", onde os próprios usuários seriam responsáveis pelas correções (Carta Capital, 10/01/2025). Essa mudança levanta preocupações sobre a amplificação da desinformação e a ausência de mecanismos de proteção para grupos vulnerabilizados nas plataformas digitais.

Em entrevista à Carta Capital (24/02/2025), o ministro Alexandre de Moraes criticou a aliança entre as Big Techs e grupos extremistas, alertando para a instrumentalização das redes sociais por interesses econômicos e ideológicos que ameaçam a democracia. Paralelamente, o Projeto de Lei das Fake News enfrenta desafios para avançar no Congresso (Carta Capital, 14/01/2025), demonstrando como a regulação das plataformas digitais ainda é um impasse global.

Diante desse cenário, a falta de diversidade no ambiente corporativo das Big Techs não apenas compromete a equidade dentro dessas empresas, mas também afeta diretamente os produtos e serviços que desenvolvem, especialmente os algoritmos de IA. A ausência de perspectivas diversas nos times de tecnologia contribui para a perpetuação de vieses algorítmicos que invisibilizam certos grupos e reforçam desigualdades estruturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reflete sobre como os vieses capacitistas presentes nos algoritmos de Inteligência Artificial (IA) reforçam desigualdades estruturais e contribuem para a

invisibilização da deficiência, particularmente em contextos digitais. A partir do caso de Ivan Baron, buscou-se evidenciar que essas tecnologias não são neutras e refletem padrões normativos de corporeidade. O conceito de "colonialidade da capacidade" contribui para essa reflexão ao evidenciar como a deficiência é socialmente construída e atravessada por relações de poder que historicamente impõem um ideal normativo de corpo e mente. Além disso, o desmonte das políticas de diversidade, equidade e inclusão nas Big Techs podem agravar esse cenário, reduzindo ainda mais a possibilidade de avanços significativos na construção de um ecossistema digital mais inclusivo.

Diante desse panorama, torna-se urgente o desenvolvimento de políticas e práticas que garantam maior participação de pessoas com deficiência na concepção e no monitoramento dessas tecnologias. A regulação das plataformas digitais e o fortalecimento de iniciativas voltadas à equidade são passos fundamentais para mitigar os vieses algorítmicos e assegurar que a IA contribua, de fato, para a acessibilidade e a inclusão. Assim, este trabalho busca contribuir para reforçar a necessidade de um olhar crítico sobre o impacto das tecnologias digitais na vida de pessoas com deficiência e aponta caminhos para um futuro mais inclusivo, no qual a IA não seja um instrumento de apagamento, mas de ampliação de vozes e direitos.

REFERÊNCIAS

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

SILVA, T. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022. E-book.

BEATRIS MARQUES, D.; LUCCA FILHO, J. de. ASSISTENTES VIRTUAIS: como eles ajudam as pessoas com deficiência física. **Revista Interface Tecnológica, Taquaritinga, SP**, v. 20, n. 1, p. 99–111, 2023. DOI: 10.31510/infa.v20i1.1644. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1644>. Acesso em: 23 mar. 2025.

Meta e Amazon recuam em programas para promover diversidade e inclusão na empresa. Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/01/meta-recua-em-programas-para-promover-diversidade-e-inclusao-na-empresa.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2025.

Brasil vive o retorno do “discurso do tio do churrasco” e Big Techs “querem dominar a economia e a política”, diz Moraes. Carta Capital, São Paulo, 24 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/brasil-vive-retorno-do-discurso-do-tio-do-churrasco-e-big-techs-querem-dominar-a-economia-e-a-politica-diz-moraes/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

Acionistas da Apple rejeitam proposta para acabar com programas de inclusão. CNBC, 25 fev. 2025. Disponível em: <https://timesbrasil.com.br/empresas-e-negocios/acionistas-apple-inclusao/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

BARON, I. Eu fui testar o aplicativo do momento para criar minha própria versão na inteligência artificial e, pasmem, encontrei um Ivan nada a ver com o da realidade. É esse o avanço que teremos no futuro? Instagram, 5 jul. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuUdEiZLYBO/?img_index=1. Acesso em: 25 fev. 2025.